

AS PESSOAS NÃO ACREDITAM que uma rapariga de catorze anos seja capaz de sair de casa e pôr-se a caminho, em pleno Inverno, para vingar o sangue derramado do seu pai, mas isso não parecia tão estranho nessa altura, embora tenha de reconhecer que não era coisa que acontecesse todos os dias. Eu tinha apenas catorze anos quando um cobarde, que dava pelo nome de Tom Chaney, baleou o meu pai em Fort Smith, Arkansas, roubando-lhe a vida, o cavalo e cento e cinquenta dólares em dinheiro, além de duas moedas de ouro da Califórnia que ele transportava no cós das calças.

Eis o que aconteceu: tínhamos uma propriedade de cento e noventa e cinco hectares de boa terra, na margem sul do rio Arkansas, não muito longe de Dardanelle, no condado de Yell, Arkansas. Tom Chaney trabalhava para nós, mas como assalariado, não como caseiro com acordo meeiro. Apareceu lá um belo dia, esfomeado e montando um cavalo cinzento com uma manta nojenta no lombo e uma cabeçada de corda em vez de freio. O papá teve pena do homem e deu-lhe emprego e um lugar para viver. Era um barracão que servia para guardar algodão, transformado numa pequena cabana. Tinha um bom telhado.

Tom Chaney disse que era da Louisiana. Era um homem baixo, de feições cruéis. Depois falarei mais da sua cara. Tinha uma espingarda *Henry*. Era solteiro e andava pelos vinte e cinco anos.

Em Novembro, quando se venderam os últimos fardos de algodão, o papá meteu na cabeça a ideia de ir a Fort Smith comprar uns cavalos. Tinha ouvido dizer que um negociante de gado de lá, chamado Coronel Stonehill, tinha comprado uma boa quantidade

de pôneis a uns condutores de gado texanos que se dirigiam para o Kansas, e agora não conseguia vender os animais. De maneira que estava a despachá-los a preços muito baixos, porque não queria ter de os alimentar durante o Inverno. As gentes do Arkansas não têm os mustangues do Texas em grande conta. Eram animais pequenos e bravios. Nunca tinham comido nada além de erva e não pesavam mais de quatrocentos quilos.

O papá estava convencido de que dariam bons cavalos para a caça ao veado, pois eram resistentes e pequenos, capazes de acompanhar os cães pelo meio do matagal. Tencionava comprar um pequeno grupo e, se tudo corresse bem, faria criação e vendê-los-ia para esse fim. Tinha a cabeça cheia de ideias. Fosse como fosse, o Investimento seria pequeno e nós tínhamos um terreno com forragens de Inverno e feno suficiente para manter os pôneis até à Primavera, quando poderiam começar a pastar no nosso grande pasto norte, onde encontrariam trevos mais verdes e suculentos do que jamais haviam visto no «Estado da Estrela Solitária»¹. Se bem me lembro, nessa época trinta e cinco litros de milho em grão custavam menos de quinze cêntimos.

O papá queria deixar Tom Chaney em casa, para tomar conta das coisas durante a sua ausência. Mas Chaney tanto andou que acabou por conseguir tirar partido da bondade natural dele. Se o papá tinha algum defeito, era essa natureza bondosa. As pessoas aproveitavam-se dele. Não foi dele que herdei o meu lado mau. Frank Ross era o homem mais gentil e honrado que jamais existiu. Completara a escola primária. Era presbiteriano de Cumberland e mação, e bateu-se resolutamente na batalha de Elkhorn Tavern, mas não foi ferido nessa «escaramuça», como afirma Lucille Biggers Langord no seu *Yell County Yesterdays*. Julgo estar em posição de conhecer os factos. O meu pai foi ferido na terrível batalha de Chickamauga, no estado do Tennessee, e esteve quase a morrer no caminho para casa, por falta de cuidados adequados.

Antes de o papá partir para Fort Smith, combinou com um homem de cor, chamado Yarnell Poindexter, dar de comer ao gado

¹ Texas. (NT)

e ver se a mamã e nós estávamos bem todos os dias. Yarnell e a família viviam muito perto de nós, num terreno que ele alugara ao banco. Nascera no Illinois, filho de pais livres, mas um homem chamado Bloodworth raptara-o no Missouri e levava-o para o Arkansas, pouco antes da guerra. Yarnell era bom homem, frugal e trabalhador, e viria a tornar-se num pintor de casas muito bem-sucedido em Mênfis, Tennessee. Trocámos cartas todos os Natais até ele morrer, na epidemia de gripe de 1918. Nunca mais conheci uma pessoa chamada Yarnell, fosse preta ou branca. Fui ao funeral dele e visitei Mênfis com o meu irmão, Frank Pequeno, e a sua família.

Em vez de viajar para Fort Smith no vapor ou de comboio, o papá resolveu ir a cavalo e trazer depois os pôneis que comprasse atados uns aos outros. Além de sair mais barato, também seria um passeio agradável para ele. Ninguém gostava mais de vagabundear no dorso de uma garbosa montada do que o papá. Por mim, nunca fui grande apaixonada de cavalos, embora julgue que me consideravam boa amazona na minha juventude. Nunca tive medo de animais. Lembro-me que, uma vez, cavaleguei um bode traiçoeiro pelo meio de um ameixal, só por causa de um desafio.

De nossa casa até Fort Smith eram cerca de cento e dez quilómetros em linha recta, passando pelo lindíssimo monte Nebo, onde tínhamos uma casinha de Verão para que a mamã pudesse fugir aos mosquitos, e pelo monte Magazine, o ponto mais alto do Arkansas. Mas, pelo que eu sabia de Fort Smith, até podiam ser mil e cem quilómetros. Os barcos iam para lá e havia quem lá fosse vender algodão, e a isso se resumiam todos os meus conhecimentos. Nós vendíamos o nosso algodão em Little Rock e eu tinha lá ido duas ou três vezes.

O papá partiu no seu cavalo de sela, uma grande égua alazã com uma malha branca no focinho, chamada *Judy*. Levava alguma comida e uma muda de roupa, tudo enrolado em mantas e coberto com um oleado que era atado atrás da sela. Levava ainda a sua arma, uma pistola do exército grande e comprida, de carregar com bala e espoleta, que já era antiquada mesmo nessa altura. Tinha-a usado na guerra. Era bonito de se olhar e, na minha memória, ainda o vejo montado na *Judy*, com o seu casaco de lã castanha e o seu

chapéu preto dos domingos. Ambos, homem e cavalo, sopravam pequenas nuvens de vapor na manhã gelada. Parecia um garboso cavaleiro de outras eras. Tom Chaney montava o seu cavalo cinzento, que ficaria melhor a puxar um arado do que a transportar um cavaleiro. Não tinha pistola, mas levava a sua espingarda atravessada sobre as costas, suspensa com um pedaço de corda de arado. Não prestava mesmo. Podia ter pegado nuns arreios velhos e talhado uma boa correia de couro, mas isso era demasiado trabalho para ele.

O papá tinha à volta de duzentos e cinquenta dólares na bolsa, coisa que tenho bons motivos para saber, visto que era eu quem lhe fazia a contabilidade. A mamã nunca teve grande jeito para somas e mal sabia escrever. Não estou a gabar-me do meu talento para essas coisas. Números e letras não são tudo. Como Marta, sempre me deixei agitar e perturbar pelos cuidados do presente, mas a minha mãe tinha um coração sereno e carinhoso. Era como Maria e escolhera «esse bom papel». As duas moedas de ouro que o papá levava escondidas na roupa eram um presente de casamento do meu avô Spurling, que vivia em Monterey, Califórnia.

Nessa manhã, o papá não imaginava que nunca mais nos veria nem abraçaria, nem voltaria jamais a ouvir as cotovias-do-prado do condado de Yell a entoar um alegre cântico à Primavera.

A notícia rebentou como uma bomba. Eis o que aconteceu. O papá e Tom Chaney chegaram a Fort Smith e alojaram-se na pensão Monarch. Foram visitar os estábulos de Stonehill e deram uma vista de olhos aos pôneis. Concluíram que não havia uma única égua na manada; aliás, também não havia um único garanhão. Os vaqueiros texanos não levavam senão animais castrados, por qualquer razão só deles conhecida, portanto, como se pode imaginar, não serviam para fazer criação. Mas o papá não se deixou desencorajar. Estava resolvido a ficar com algumas das pequenas alimárias e, no segundo dia, comprou quatro por cem dólares certos, conseguindo fazer com que Stonehill baixasse o seu preço inicial de cento e quarenta dólares. Era uma boa compra.

Fizeram planos para partir na manhã seguinte. Nessa noite, Tom Chaney foi a um bar, meteu-se num jogo de cartas com «ralé»

da mesma laia que ele e acabou por perder todo o seu salário. Em vez de aguentar a perda como um homem, foi para o quarto, na pensão, e amouou como um burro. Tinha uma garrafa de uísque e bebeu-a. O papá estava na sala, a conversar com uns caixeiros-viajantes. A certa altura, Chaney saiu do quarto com a espingarda na mão. Disse que tinha sido enganado e que ia ao bar recuperar o seu dinheiro. O papá disse-lhe que, se o tinham enganado, então o melhor era dirigirem-se às autoridades. Mas Chaney não lhe deu ouvidos. O papá seguiu-o até à rua e disse-lhe que lhe entregasse a espingarda, porque não estava em condições de começar uma briga com uma arma na mão. Nessa altura, o meu pai não estava armado.

Tom Chaney ergueu a espingarda e deu-lhe um tiro na testa, matando-o instantaneamente. Não houve qualquer outra provocação; estou a contar a história tal como me foi contada pelo xerife do condado de Sebastian. Algumas pessoas poderão dizer: «Bem, porque havia o Frank Ross de se ter metido no assunto?» A minha resposta é a seguinte: ele estava a tentar fazer um favor àquele demónio atarracado. Chaney era seu empregado e o papá sentia-se responsável. Era o guarda do seu irmão. Isso responde à pergunta?

Os caixeiros-viajantes não correram a agarrar Chaney, nem tentaram abatê-lo. Em vez disso, dispersaram como galinhas, enquanto Chaney tirava a bolsa do meu pai do seu corpo ainda quente e lhe rasgava o cós das calças para roubar também as moedas de ouro. Não sei dizer como é que ele sabia da existência delas. Quando acabou de roubar o que queria, correu para o fundo da rua e deu uma coronhada na boca do guarda da noite do estábulo, deixando-o sem sentidos. Pôs um freio na égua do papá, *Judy*, montou-a em pêlo e fugiu a galope. As trevas engoliram-no. Mas podia perfeitamente ter aparelhado *Judy* com sela e tudo, ou até atrelado três parelhas de mulas a uma diligência e fumado um cachimbo, porque parece que ninguém naquela cidade o perseguiu. Ele é que tomara os caixeiros-viajantes por homens. «Os maus fogem quando ninguém os persegue.»